

Eugénio de Castro, *o raro*¹

Eugénio de Castro, the rare one

Miguel Filipe Mochila
Universidade de Puerto Rico
CIDEHUS (U. Évora)
miguel.mochila@upr.edu

Data de receção do artigo: 25-06-2021
Data de aceitação do artigo: 14-11-2021

Resumo

Eugénio de Castro [1869-1944] é hoje um autor menor no panorama editorial e crítico português. No entanto, em vida granjeou um notável prestígio internacional, em particular no seio das literaturas ibéricas e ibero-americanas. Propomo-nos indagar as origens desta sua receção hispânica. Assim, observaremos que Castro beneficiou da atenção de um autor tão central na definição da modernidade hispânica como foi Rubén Darío, referendando os dados que dão conta desta relação. Mais destacaremos que a mesma depende de uma comum situação periférica das literaturas ibero-americanas e portuguesa no contexto da modernidade internacional. Evidenciaremos também que o português foi instrumentalizado no contexto da descolonização cultural ibero-americana, bem como de uma afirmação latinista contraposta à ameaça do imperialismo norte-americano, com a concomitante crítica do utilitarismo capitalista que Darío descortinou em Castro. Por fim, observaremos que o interesse do nicaraguense pelo português se materializou numa influência propriamente literária.

Palavras-chave: Eugénio de Castro – Rubén Darío – Modernismo – Modernidade periférica – Descolonização cultural.

Eugénio de Castro, *the rare one*

¹ Este texto constitui parte da tese de doutoramento “Modernidade Difusa. A receção hispânica de Eugénio de Castro” defendida na Universidade de Évora em 2021.

Abstract

Eugénio de Castro [1869-1944] is nowadays a minor author in the Portuguese editorial and critic universe. However, during his lifetime he achieved a remarkable international prestige, particularly in the Iberian and Ibero-American literatures. I will inquire about the origins of his Hispanic reception. Thus, I will observe that Castro benefited from the attention of an author as central as Rubén Darío, recalling the elements that prove this relationship. I will further emphasize that this relationship depends on a common peripheral situation in Ibero-American and Portuguese literatures in the context of international modernity. I will also highlight that the Portuguese poet was instrumentalized in the context of Ibero-American cultural decolonization. Likewise, Castro was instrumentalized for a Latinism that was opposed to the threat of US imperialism, with the concomitant criticism of capitalist utilitarianism that Darío highlighted in his work. Finally, I will note that the Nicaraguan's interest in Portuguese materialized in a specifically literary influence.

Keywords: Eugénio de Castro – Rubén Darío – Modernism – Peripheral modernity – Cultural decolonization.

1. Introdução

O poeta português Eugénio de Castro [1869-1944] ocupa hoje um lugar secundário na historiografia literária portuguesa, estando ausente de livrarias e programas curriculares e não tendo sido objeto, até à data, de uma aturada leitura crítica que o situasse na génese e desenvolvimento da moderna literatura em língua portuguesa. Ora um tal facto contrasta notavelmente com o enorme prestígio que o autor granjeou entre a última década do século XIX e o primeiro terço de Novecentos, de que é paradigmática a ampla e variegada receção de que a sua obra foi objeto no âmbito das literaturas ibéricas e ibero-americanas, ao longo da primeira metade do século XX, convertendo-o no mais internacional dos poetas portugueses do seu tempo.² Importa recuar, pois, ao início desta receção, que à luz atual talvez se nos revele surpreendente, já que cruza o nome de Eugénio de Castro com figuras da monta de Rubén Darío, Leopoldo Lugones, Miguel de Unamuno,

² As relações hispânicas de Eugénio de Castro têm sido estudadas por Álvarez e Sáez Delgado (2006), Álvarez e Alonso Estraviz (2008), Carvalho (2007), Lourenço (2005) ou Mochila (2019a, 2019b, 2016, 2014), além do clássico e pioneiro estudo de John M. Fein (1958).

Juan Ramón Jiménez ou Gerardo Diego, entre muitos outros. Deste modo, identificaremos os traços originários dessa atenção hispânica à sua obra e figura, adotando uma perspectiva transnacional que dota Eugénio de Castro de uma centralidade que a estreita leitura nacional oblitera.

Cabe começar por recordar que, graças à publicação de *Oaristos* (1890) e *Horas* (1891), livros habitualmente tidos como os introdutores do Simbolismo na Península Ibérica, alcançou o poeta notoriedade em diversos meios literários europeus, com destaque para Itália e França, salientando-se as traduções que dos seus poemas realizou Vittorio Pica, graças às quais, bem como ao papel desempenhado por algumas revistas e críticos franceses, a sua poesia chegou ao contexto ibero-americano, onde os seus livros foram recebidos com entusiasmo. Poetas ibero-americanos, oriundos de países como a Argentina, o Chile, a Colômbia, Cuba, o México, a Nicarágua ou o Peru, admiraram o autor português, tendo-o traduzido ou escrito sobre ele, dedicando-lhe elogiosas e por vezes mesmo adadoras missivas, criando em seu redor um fascínio quase mitificante.

A juventude dos protagonistas da renovação modernista de ambos os lados do Atlântico, em rutura com uma geração mais velha de oratória neorromântica e estética realista/naturalista, bem como a propensão para a idealização da poesia, para a experimentação técnica e para o antimimetismo, traçavam rumo afins. A propósito das causas da irrupção do modernismo ibero-americano, sintetizava José Barrios Mora (1955: 155):

1. El cansancio general producido por el neoclasicismo y el romanticismo, que había incurrido en detestables abusos de afectación de sentimientos y desaliño y monotonía en la forma.
2. La difusión de los principios ejemplarizados de las escuelas parnasiana y simbolista.
3. El ansia de novedad propia de los pueblos jóvenes de América, mal avenidos con la imitación servil de los modelos españoles.
4. La intensificación del intercambio cultural entre los países del viejo y del nuevo continente, señaladamente por los frecuentes viajes de escritores americanos a través de Europa, que impresionaba de manera extraña la sensibilidad de los visitantes, y por el acrecentamiento del comercio del libro y la revista.
5. El mejor conocimiento de otras literaturas de diferente espíritu, tales como la inglesa, la italiana, la alemana, la escandinava, la rusa y la hindú.
6. El hallazgo de antiguas obras literarias castellanas, ricas en lenguaje y ritmo, que interpretaban el genio de la lengua.
7. La aparición de talentos poéticos de primer orden, de intensas vocaciones literarias

y, singularmente, del mago portentoso del verbo sonoro y elegante, de la luz y el color: Rubén Darío.

Uma tal afinidade de circunstâncias, intenções e caminhos, que facilitaria esta aproximação ibero-americana a Castro, ganha especial ímpeto e orientação com a fortuna de ter o português encontrado justamente em tal «mago portentoso» um intermediário de eleição. Com efeito, é Rubén Darío quem está na base da receção hispânica de Eugénio de Castro, a qual tem como cenário primevo Buenos Aires, centro de difusão do *modernismo*, onde se encontravam, em finais de Oitocentos, além do nicaraguense, o argentino Lugones e o boliviano Jaimes Freyre. O poeta nascido em 1867, dois anos antes do português, publicara em 1888 *Azul...*, ensaiando uma aproximação a novos princípios estéticos, a par da ação do cubano José Martí, do colombiano José Asunción Silva, do peruano José Santos Chocano ou do mexicano Manuel Gutiérrez Nájera, e exercendo uma decisiva influência na literatura espanhola da primeira metade do século XX. A estada portenha de Darío é de facto fulcral, encetando no contexto ibero-americano um projeto renovador semelhante ao de Castro no seio da literatura portuguesa, tendo como base primacial as páginas de *La Nación*, jornal aberto a «todos los vientos del espíritu», num internacionalismo de fundo que o levaria a colaborar no *Mercure* e na *Revue Blanche*, bem como em alguns jornais de Madrid, como *Alma Española*, *Blanco y Negro*, *La Esfera*, e em algumas folhas juvenis, como *Helios*.

2. Rubén Darío, leitor de Eugénio de Castro

No contexto do referido internacionalismo, encontra Darío em Eugénio de Castro um referente central, por intermédio do trabalho crítico de Remy de Gourmont e de Vittorio Pica. Assim, em 1896, dedica ao português um dos capítulos de *Los raros*, obra que assinala o desejo cosmopolita do *modernismo* ibero-americano, inaugurando a inscrição do português no contexto da procura dos seus autores por conquistarem, também eles, um capital simbólico coletivo, de dimensão verdadeiramente continental, no contexto das disputas geoculturais da modernidade internacional. O livro do nicaraguense seria logo acolhido como mostruário basilar para a difusão do modernismo internacional, tendo esgotado em quinze dias e tendo merecido uma ressentida carta de Lugones a Darío, por o não ter incluído na nómina dos arautos *novistas*. Nele, Castro acompanhava Edgar Allan Poe, Leconte de Lisle, Paul Verlaine, Jean Moréas,

Lautréamont, Ibsen ou José Martí como representante máximo da nova literatura cosmopolita.

O texto resulta, na verdade, de uma conferência pronunciada no Ateneo da capital argentina em setembro desse ano, previamente publicado a 26 e 29 desse mês em *La Nación*, com o título «Eugenio de Castro y la literatura portuguesa. Conferencia leída en el Ateneo por el Sr. Rubén Darío», e é extremamente elogioso:

Su nombre no resuena sino desde hace poco tiempo en el mundo de los nuevos. Su *Oaristos* apareció hace apenas seis años. Después se sucedieron *Horas*, *Sylva*, *Interlunio*. No he leído su obra sino después que conocí al poeta por la crítica de Italia y Francia. Abonado por Remy de Gourmont y Vittorio Pica encontré abiertas de par en par las puertas de mi espíritu (Darío 1896a: 240)

Estas palavras tão precocemente pronunciadas revelam que o nome e a obra do português tinham sido desde cedo acolhidos por integrantes do *Mercurio de France*, órgão de difusão do decadentismo-simbolismo europeu, e por intelectuais sensíveis à nova estética, como o referido Vittorio Pica, autor da tradução para italiano do poema em prosa *Belkiss*, cuja data de publicação, 1896, assinala o começo da difusão do modernismo português na Europa (cf. Álvarez 2010: 110) e que inspiraria a versão da mesma obra que Luis Berisso publica no ano seguinte em Buenos Aires, com prólogo de Leopoldo Lugones.

Destacando o espírito aristocrático da obra de Castro, o seu virtuosismo formal, o seu cosmopolitismo, a dimensão musical da sua poesia, o texto de Darío revelar-se-ia absolutamente fulcral para a posterior fortuna do português no contexto ibero-americano e espanhol, dada a mencionada preponderância do nicaraguense na difusão do *modernismo* hispânico (Sáez Delgado 2007: 35). Como salientou Fein (1958: 556), são vários os paralelos que podem ser encontrados entre a história da juventude do simbolismo português e do período de formação do *modernismo* na literatura latino-americana: ambos surgem como reação tardia de jovens poetas revolucionários contra o delongado domínio das prévias gerações poéticas; ambos apelavam a uma idealização da matéria e experimentação no domínio da técnica; e ambos olhavam para as recentes conquistas da poesia francesa como guia e inspiração. Os dois movimentos foram igualmente atacados por críticos estabelecidos nos seus respetivos domínios geográficos e ridicularizados perante o público por jornalistas e escritores populares, que viram nas tentativas de renovação literária apenas afetação e

importação *snob* de origem estrangeira e de suspeita tendência cosmopolita. Considerando isso mesmo,

It was no wonder, therefore, that the Latin-American *modernista* writers felt an immediate and strong affinity with Castro's aims, and that Darío's sponsorship of his work in 1896 was only the beginning of a lengthy and significant acceptance by Latin-American writers (1958: 556).

Com efeito, Castro é desde então apreciado como autêntico precursor do *novismo* nas letras ibero-americanas, dada a precocidade do seu movimento disruptivo. Importa recordar que, quando se publica *Oaristos*, com o seu polémico prólogo e a sua intenção reformista, nenhum gesto de semelhante alcance transgressor fora ensaiado ainda entre os *modernistas* hispânicos. Como recorda Fein (1958: 557), a primeira manifestação do que poderia ser um manifesto poético foram as «Palabras liminares» de Darío a *Prosas profanas*, em 1896, precisamente o ano em que lê, comenta, traduz e difunde a obra do português.

Cabe recordar que Castro retribuiu a atenção que lhe chegava da América. A 8 de dezembro de 1896, na terceira página de *La Nación*, surge reproduzida uma carta do português agradecendo a conferência de Darío e o interesse dos poetas americanos, anunciando o envio de livros a Berisso e Darío e solicitando autorização para publicar a conferência de Darío em Portugal, dando mesmo conta da intenção de viajar até à América para apresentar uma série de conferências literárias. Eugénio de Castro, surgindo assim precocemente como um dos referentes europeus mais determinantes na constituição do *modernismo*, assumindo uma «focal position» nas palavras de Leonard S. Downes (1944: 10), segundo as quais

His position in Latin literatures was perhaps comparable with that of Lisbon in the last four years, with all the routes of Europe converging on it and lines of communication diverging from it to all the rest of the world. Typical of Portugal in this, he was a channel through which European expression reached America,

notaria essa ascendência, sublinhando, em referência a *Oaristos*, que «L'influence de mon recueil ne s'exerce pas seulement sur la littérature lusitanienne, elle s'étendit à celle d'autres pays» (Castro 1935: 105), para remeter depois para as afirmações de Andrés González-Blanco (julho-setembro de 1922: 198-237) na revista *Hispania*, em que

o espanhol recorda que o português precede o *modernismo* de Darío,³ reconhecendo assim Castro o modo como essa ascendência seria fator determinante na sua consagração internacional.

O poeta português seria, pois, autorizado como o autêntico introdutor da «lei nova» nas literaturas ibéricas e ibero-americanas. Nesse sentido se pronunciaria o mesmo González-Blanco (1922: 232): «Eugénio de Castro a été le premier poète novateur de la Péninsule (...) Rubén Darío le proclamerait lui même s'il vivait encore, car l'on se rapelle de quelle façon enthousiaste il parla des trois grands poètes latins: Eugénio de Castro, Gabril d'Annunzio et Maeterlinck.» Sublinharia o espanhol, que viria a ser um dos mais atentos mediadores espanhóis do português, que

Il faut remarquer qu'Eugénio de Castro fut le premier, non seulement au Portugal, mais dans toute la péninsule ibérique et même en Amérique Latine, à promulguer cette loi nouvelle. Qui faisait du modernisme en 1890, a l'apparition de *Oaristos?* Personne. Le pauvre Rueda se débattait dans une période de transition entre le colorisme et un vers libre mal compris. Rubén Darío était peut-être déjà dans la période d'incubation intérieure qui précéda sa rénovation d'un journal chilien, il n'était encore que le chroniqueur brillant de *Peregrinaciones*, le subtil exégète de *Los Raros*, en même temps que le poète parnassien de *Azul*. Il n'avait encore publié ses *Proses Profanas* par lesquelles débute sa courbe d'innovation poétique. Don Juan Valera avait bien déjà parlé de lui avec quelque aimable scandale, mais son académisme méticuleux se choquait de peu et les flammes charnelles d'*Azul* avaient suffi. Jusqu'en 1892, lorsque Rubén Darío vint en Espagne représenter le Nicaragua aux fêtes du Centenaire de la découverte de l'Amérique, il n'est pas encore entré dans l'ère des innovations. Ce n'est alors qu'il essaie dans son *Elogio de la seguidilla* d'adapter la musique du dodécasyllabique à la métrique espagnole. Donc, en 1890, la Péninsule était encore vierge d'innovations métriques et lyriques, lorsqu'apparaît la première édition de *Oaristos* avec un prologue encore plus révolutionnaire que celui de *Prosas Profanas* de Rubén (1922: 200-201).

3 O espanhol cita uma entrevista na *Ilustração Portuguesa*, entre Eugénio de Castro e o jovem crítico João Ameal, em que o poeta destaca que «Rubén Darío, ele o disse, baseia toda a sua conferência sobre o estudo que Brinn-Gaubast escreveu sobre mim num jornal que se publicava então em Atenas: Stamboul... É lá que surge pela primeira vez aquela ideia de um triunvirato de poetas latinos. Há ainda um livro que é dedicado a d'Annunzio, Mistral e a mim. É um livro de Lionel de Rieux: *Le chœur des muses...*» (González-Blanco 1922: 232).

Rubén Darío (1919, XX: 206), aliás, em *Historia de mis libros* (1916), originalmente publicada em *La Nación*, reconhecia esta antecedência portuguesa na difusão dos princípios estéticos *novistas* em relação às suas próprias inovações: «hay que advertir que los portugueses tenían ya tales reformas». Aludindo a Eugénio de Castro, o «soñador lusitano» (Darío 1950: 151), na sua autobiografia de 1912, publicada em fascículos em *Caras y caretas* e reunida em livro no ano seguinte, encontraria nele, segundo Díez-Canedo, um referente que suplantaria mesmo as influências francesas em voga à época, afirmando que em Rubén Darío «dominaba la técnica de Eugénio de Castro, con mayor fuerza que la de los franceses» (Díez-Canedo 1964: 234).⁴

Em outubro de 1896, envia Darío (2006: 72) a Leopoldo Díaz uma carta em que sublinha a importância na nova literatura de nomes como Hugo, Banville, Verlaine, D'Annunzio, Swinburne e Eugénio de Castro, e no jornal *Buenos Aires*, nesse mesmo ano, num texto sobre o Marquês de Carvalho, falara do português como o «jefe [...] admirable y extraño» (Darío 8 de março de 1896: 8). Assim se compreende melhor que dedicasse, no mesmo ano da conferência no Ateneo, o emblemático poema «El reino interior» de *Prosas profanas y otros poemas*, «A Eugenio de Castro». Importa sublinhar, como bem observou Fein (1967: 360), que a posição deste poema no final do livro, equivalente à que ocupa o texto sobre Eugénio de Castro em *Los raros*, título que repercute, aliás, o aristocratismo das *Horas castrianas*, com a sua «silva esotérica para os raros apenas» (Castro 1927, I: 93), pode denunciar que terá sido composto na mesma altura em que se aproximava da obra do português, justificando os ecos temáticos de «Hermafrodita» (*Salomé e Outros Poemas*, 1896) no mesmo, a que voltaremos mais adiante.

Com efeito, em *Los raros*, Darío (1896a: 241) dá conta da sua leitura desse poema de Castro – «Después llegó a mis manos, en el *Mercure de France*, un poema simbólico y extraño, de un sentimiento profundamente pagano, hondo y audaz. *Sagramor y Belkiss* me hechizaron luego» –, referindo-se justamente a «Hermafrodita», uma vez que a única tradução de Castro no *Mercure de France* anterior a 1896, exceção feita a algumas passagens truncadas de *Silva* que acompanhavam a crítica de Remy de Gourmont tão abonatória e

4 Noutro passo, de «Otras notas» em *Letras de América. Estudios sobre las literaturas continentales*, Díez-Canedo (1944: 86) refere o «influjo portugués (muy importante, en opinión mía, por lo que toca a la versificación, comparándola con la de Eugenio de Castro)» em Rubén Darío.

decisiva para a atenção de Darío à obra do português, era a versão anónima do mencionado poema, publicada no número XIII de janeiro de 1895.⁵

Registo do interesse do nicaraguense por Castro é a correspondência trocada com o português. Em carta de 7 de dezembro de 1896, afirmaria que

Aquí ha tiempo llevo una gran lucha. Lo mejor de la juventud de América sigue los nuevos rumbos; pero hay muy poco que valga verdaderamente algo. Tenemos de todo; en el continente de lo que no nos hacen faltan ni snobs! Mas lo que merezca la atención de ustedes los artistas europeos, es muy poco. Vd. lo notará por la lluvia de malas revistas y malos libros y malas cartas con que lo han de empezar a acribillar (Álvarez e Sáez Delgado 2006: 125).

Também em carta enviada de Madrid, a 21 de julho de 1899, acusando a receção de *Saudades do Céu*, título castriano que lhe fora enviado por Berisso de Buenos Aires, diz: «He saboreado el exquisito regalo y no puedo menos que enviarle mis cordiales felicitaciones. Es lástima que en España no se conozca la actual literatura portuguesa. Más sabemos nosotros en América que los españoles. Tanto mejor para nosotros» (Álvarez e Sáez Delgado 2006: 124).

Outro dado relevante para dar conta do peso que Rubén Darío atribuía ao português é a carta que envia a Martínez Sierra (Ghiraldo 1943: 453), a propósito do convite que recebera para ocupar o júri do Ateneo de Madrid, onde leu a sua «Salutación del optimista», carta onde podemos ler:

Querido amigo: Me olvidé, en mis anteriores, de decirle de lo importante que para mí sería que la fiesta de que usted me habla en el Ateneo fuese antes de mi partida a Centro América, si es posible. Puede usted escribir pidiendo algo sobre mi obra —dos palabras, para ser leídas en la velada— a Remy de Gourmont, a Saint Pol-Roux y a Eugenio de Castro. Ellos creo que enviarían aunque fuese una simple opinión, y son la opinión extranjera.

5 O interesse por Castro terá feito o nicaraguense ganhar curiosidade por Portugal. Assim, no oitavo volume de *Letras*, nas suas obras completas publicadas pela Editorial Mundo Latino de Madrid, surge, em 1918, o artigo «Un Poeta portugués en la India» (Darío 1918, VIII: 69-77) sobre Alberto Osório de Castro, que lhe enviou o livro de poesia *A Cinza dos Mirtos*. Darío escreve também sobre Eça de Queirós e sobre Portugal, nas suas crónicas de *La Nación*.

Como fizera em *Los raros*, o nicaraguense torna a elencar Eugénio de Castro entre os mais destacados autores da modernidade internacional, procurando nutrir-se da sua ascendência simbólica para promoção do seu próprio renome no universo hispânico.

3. Uma comunidade periférica

Para compreendermos o interesse de Darío pela obra do português, importa considerar o peso sistémico da condição periférica das literaturas ibero-americanas e portuguesa na definição da modernidade estética, a qual com efeito permeabiliza estas relações. Como sublinha Torrecilla (2006), se na dinâmica da modernidade está implícita a procura de definição de uma identidade num momento progressiva e territorialmente globalizado, sistemas periféricos como os que aqui nos ocupam tendem a viver de modo particularmente agudo o desafio da modernidade: tendentes à mesma, seduzidos por ela, temem outrossim que uma abertura cosmopolita implique a sua absorção pelas forças culturais hegemónicas e centrais. Assim se compreende que, numa autobiografia originalmente publicada em 1924 em *La Nación* de Buenos Aires, Eugénio de Castro assinalasse a concomitância de uma vocação internacionalista e de uma preocupação nacionalista:

Pus novas cordas à minha lira ferrugenta, e partindo com ela para Paris, afinei-a ali, nas margens do Sena, pelo diapasão francês, mas de modo que os seus acordes, sendo novos, continuassem sendo eminentemente portugueses pela sua emoção e pela sua harmonia. O carácter nacional da música não vem da terra em que foi fabricado o alaúde, mas da alma que o pulsa. A prova de que nas minhas tentativas não havia a menor intenção desnacionalizadora está na circunstância, bem significativa, de eu ter acompanhado as inovações mais revolucionárias com a restauração, bem conservadora, das formas arcaicas genuinamente portuguesas (Castro 1969: 11-12).

Esta ambígua posição, encontramos-la também, em termos muito semelhantes, em Rubén Darío (1916: 33), que, em *Historia de mis libros* (1913), afirma:

Al escribir *Cantos de vida y esperanza* yo había explorado, no solamente el campo de poéticas extranjeras, sino también los cancioneros antiguos, la obra ya completa, ya fragmentaria de los primitivos de la poesía española, en los cuales encontré riquezas

de expresión y de gracia que en vano se buscarán en harto celebrados autores de siglos más cercanos. A todo esto agregad un espíritu de modernidad con el cual me compenetraba en mis incursiones poliglóticas y cosmopolitas.

Não surpreende por isso que o referente francês assomasse nos comentários de Darío à obra de Castro, consolidando desse modo o mito da modernidade europeia a que se reporta Mejías-López (2009: 15-48). Como recorda o autor (Mejías-López 2009: 56), no tempo aqui em análise «virtually all European and American literatures were significantly “dependent” on the French», recordando a asserção de Braudel, citado por Casanova (2004: 11), segundo a qual «France, though lagging behind the rest of Europe economically, was the undisputed centre of Western painting and literature». O nicaraguense, na mesma época em que, em «Los colores del estandarte» (*La Nación*, 27 de novembro de 1896), precisamente afirmava, a propósito da renovação poética por si encetada, «he aquí cómo pensando en francés y escribiendo en castellano [...] publiqué el pequeño libro que iniciaría el actual movimiento literario americano» (Darío 2013: 309), sublinharia que conheceu Eugénio de Castro «por la crítica de Italia y Francia (Abonado por Remy de Gourmont y Vittorio Pica encontró abiertas de par en par las puertas de mi espíritu)» (Darío 1896a: 240), salientando que «Castro es uno de los más exquisitos artistas con que hoy cuenta la moderna literatura europea» e afirmando mesmo que «Puede asegurarse sin temor a equivocación, que los primeros “músicos” del arte de la palabra son hoy Gabriel D’Annunzio y Eugenio de Castro» (Darío 1896a: 250).⁶ E se Berisso (1897: XXV-XXVI) destacara o modo como o português «ha logrado colocarse en la vanguardia del movimiento intelectual de Europa, movimiento que dígase lo que se quiera, preocupa actualmente a las más altas inteligencias», recordando que Castro «ha entrado triunfante en París, la capital del arte», Amado

6 Interessa notar como Darío, celebrando a aproximação a Castro como *autor europeo moderno*, não deixa de o equiparar a um outro autor não francês, denunciando a composição periférica das suas preferências, denotando o modo como demanda a consolidação, no seio da afirmação de uma modernidade, de um capital simbólico que seja simultaneamente europeizante e particularizante, fenómeno transversal à época e que está na base da comunidade transatlântica ibero-americana e ibérica, como nota Mejías-López (2009: 12): «the struggle for symbolic capital and prestige in the transnational cultural field and within the larger field of power was a defining element of the nineteenth-century Atlantic. It was precisely the place of the Spanish language and Hispanic cultures within a changing global order that became a central preoccupation of Spanish America’s first groundbreaking postcolonial literary project: modernismo».

Nervo (1928: 182-183) sintetizaria de forma rotunda o apreço hispânico pelo triunfo do português em França:

Hasta hace algunos años, sin embargo, los dos solos nombres ilustres en la intelectualidad lusitana, que sabían deletrear los franceses, eran, el del gran Camões y el del alegre Gil Vicente. Los mejores informados acerca de la moderna literatura portuguesa habían leído impresos los nombres de João de Deus y de Almeida Garrett. Surgió en éstas el simbolismo francés y en Portugal hubo un ingenio suficientemente poderoso para cultivar la nueva simiente poética con el mismo vigor que los Maeterlinck o los Moréas. Este hombre fue Eugénio de Castro, a quien sus primeras obras valieron la amistad y el aplauso de todos los pequeños príncipes literarios nacidos a la publicidad en 1884. Después de Eugénio de Castro se popularizó en Francia Oliveira Soares y los poemas la Reina de Saba, y los Palacios Confusos pasearon en triunfo por todos los cenáculos. La literatura portuguesa se puso de moda. Los nuevos hablaron ampliamente de ella, con especialidad uno, a quien con justicia se ha llamado en Francia el Introdutor de las letras lusitanas, Mr. Philéas Lebesgue, quien buenas páginas dedicó a sus colegas de Trás-os-Montes en el Mercurio de Francia. (...) Eugénio de Castro y Oliveira Soares abrieron, pues, en Francia el camino a los demás, y pásmense ustedes de esta verdad: Francia hizo que los españoles y nosotros los hispanoamericanos conociésemos la literatura portuguesa.

Assim se vê que Eugénio de Castro é traduzido, lido e comentado como o autor que, não obstante a sua condição marginal, triunfa nos centros de canonização europeus, como aliás o próprio fez questão de sublinhar na conferência que deu, em 1923, no Instituto Francês de Madrid, conforme testemunha a notícia surgida a 24 de abril de 1923 no *ABC* de Madrid onde se reproduzem as suas palavras, segundo as quais, quando empreendeu a renovação simbolista em Portugal, «eran casi absolutamente desconocidos los poetas portugueses. Hoy, por el contrario, de todas partes del mundo se han vuelto los ojos a Portugal, y sus literatos han traspasado las fronteras», destacando em particular que «Uno de los países que con más cariño siguió el movimiento literario portugués fue Francia» (Anón. 1923: 16).

4. Eugénio de Castro: instrumento descolonial

Outro referente a ter em conta na atenção rubeniana e ibero-americana a Eugénio de Castro é, naturalmente, Espanha, já que a chegada do português ao outro lado do Atlântico coincide justamente com o colapso do império espanhol. Não por acaso os tradutores e

leitores ibero-americanos do português tendem a celebrá-lo como figura cabal do seu processo de descolonização cultural na relação com Espanha, estudado por Bushnell e Macaulay (1994), instrumentalizando-o no seio do processo emancipatório a que se referia Argüello (1935: 11):

Lo que entre nosotros se llamó el modernismo, no fue, en verdad sino un movimiento de emancipación. Dejamos de ser españoles, para ser hispano-americanos, con pensamiento hispano-americano, con emoción hispano-americana, con colorismo hispano-americano y hasta con lenguaje hispano-americano. Quizá soltamos las amarras de España para agarrar las francesas; quizás no hicimos por lo pronto más que sustituir una imitación de casa solariega por otra de extranjero lar; pero siquiera nos desanquilosamos, movimos las piernas y los brazos, ejercitamos las musculaturas, fuimos otros. Y eso preparó nuestro cauce para una corriente original.

Essa instrumentalização dá bem conta a celebração ibero-americana da sua antecipação na receção da obra de Eugénio de Castro e da sua condição de autor não-espanhol. Assim, Darío (1896a: 229-230), em *Los raros*, exaltaria o «joven ilustre que hoy representa una de las más brillantes fases del renacimiento latino, el admirable lírico que había de representar, el primero, a la raza ibérica, en el movimiento intelectual contemporáneo, que ha dado al arte espacios nuevos, fuerzas nuevas y nuevas glorias», integrando a receção ibero-americana de Castro na reiterada postulação de uma remissão americana da soberania cultural castelhana, para o que foi a ação do nicaraguense decisiva, conforme observaram Browitt (2004) e Jade (1998), postulação essa que permeabiliza várias outras passagens dos seus textos reflexivos. Assim, por exemplo, num texto contemporâneo de *Los raros*, intitulado «María Guerrero», publicado a 12 de junho de 1897 em *La Nación*, afirmaria que

En América hemos tenido ese movimiento [o modernismo] antes que en la España castellana por razones clarísimas: desde luego por nuestro inmediato comercio material y espiritual con las distintas naciones del mundo, y principalmente porque existe en la nueva generación americana un inmenso deseo de progreso y un vivo entusiasmo, que constituye su potencialidad mayor, con lo cual poco a poco va triunfando de obstáculos tradicionales, murallas de indiferencia y océanos de mediocracia (Darío 1897: 5),

configurando uma crítica explícita de Espanha –

se dice que yo he contagiado a la juventud de América, que ya no puede pasar el alimento español..... Hemos pecado, es cierto. Pero quién ha tenido la culpa sino la madre España, la cual, una vez roto el vínculo primitivo, se metió en su Escorial y olvidó cuidar la simiente moral, que aquí dejaba? Un puente de ideas habría habido de continente a continente; pero no se procuró más unión desde entonces, que la que podía sostener unas cuantas telarañas gramaticales tendidas desde la madrileña calle de Valverde,

– e aludindo à decadência espanhola para explicar a aproximação americana a outros referentes europeus:

La innegable decadencia española aumentó nuestro desvío, y el verdadero o aparente aire de protección mental y de desprecio que respecto al pensamiento de América manifestaran algunos escritores peninsulares, secó en absoluto nuestras simpatías y nos alejó tanto de la antigua madre patria, que la actual generación intelectual, los pensadores y artistas que hoy representan al alma americana, tienen más relación con cualquiera de las naciones de Europa, que con España. ... Y tuvimos que ser entonces políglotas y cosmopolitas y nos comenzó a venir un rayo de luz de todos los pueblos del mundo.

É bem sabido, por outro lado, que, a par de uma vocação descolonial na relação com Espanha, Darío apresentava igualmente uma dimensão pró-hispanista, destacada por Salgado (1997: 51-58), numa espécie de consciência cindida, para empregar o termo que nesta matéria utiliza List (2017: 47-64), alimentada em larga medida pelo fantasma de um novo imperialismo norte-americano movido pelos «estupendos gorilas colorados» (Darío julho-dezembro de 1998: 452), que denuncia nos ensaios «El triunfo de Calibán» e «El crepúsculo de España», ambos datados desse crítico ano de 1898, nos quais postula a unidade latina diante de «la hija de Roma, la hermana de Francia, la madre de América», defendendo a sua «hidalguía, ideal, nobleza», aproximando-se do espírito *noventayochista* e propondo regenerar o «espíritu español» (Darío 1998: 455).

No primeiro desses textos afirmaria que «El ideal de esos calibanes está circunscrito a la bolsa y a la fábrica. Comen, comen, calculan, beben whisky y hacen millones. Cantan ¡Home, sweet home! y su hogar es una cuenta corriente, un banjo, un negro y una pipa» (Darío 1998: 454). Com similar retórica assente no apetite consumista, mesmo na sua poesia mais derradeira, haveria Eugénio de Castro, e com efeito, de fazer semelhante crítica, num poema tão singelo como «O Pato Assado»:

No bordo do alguidar, a cozinheira
 Afia o facalhão; e o pobre pato,
 Co'a submissão rasteira dum sapato,
 Aguarda a um canto a hora derradeira.

Fulge o golpe fatal! Basta sangueira
 Espirra e enche, purpúrea, um grande prato...
 Duas horas depois, delira o ofacto
 Aos eflúvios da canja lisonjeira.

Após a canja, vem o arroz doirado,
 E, no meio do arroz, o pato assado
 Com os miúdos, fígado e moela.

Voraz, o homem só pensa na pitaça,
 Tudo imiola à avidez da sua goela:

Não come as estrelas, porque as não alcança! (Castro 1944, X: 229-230).

Afirmando-se «americano de España y español de América» (Darío 1916: 34), o nicaraguense escreveria versos recuperados por Arellano (2010: 179), segundo os quais

Yo siempre fui, por obra y por cabeza,
 español de conciencia, obra y deseo,
 y yo nada concibo y nada veo
 sino español por naturaleza,

e afirmaria o latinismo contra a «fuerza yanqui» (Darío 1917 I: 219), conforme expressa em crónica de 12 de abril de 1902, inserida no volume *La caravana pasa*, publicado nesse ano, onde aborda a tese de William Thomas Stead acerca do expansionismo político-cultural do Estados Unidos. Assim também em *España contemporánea* (1901), onde reúne varias dezenas de crónicas espanholas redigidas para *La Nación*, nas quais denuncia que «La mandíbula del yanqui quedó por momento satisfecha después del bocado estupendo» (Darío 1917, XIX: 20), aludindo à perda colonial espanhola às mãos do novo poderio norte-americano, em face da qual faz o elogio latinista da consanguinidade ibero-americana com Espanha, não sem colocar a tónica, outrossim, na superioridade de Buenos Aires, onde liderou, entre 1893 e 1898, o movimento de renovação literária em língua castelhana, sublinhando que «Una cosa que nos hace superiores a los europeos en punto a ilustración es que sabemos lo de ellos más lo nuestro» (Zuleta 1988: 21),

equilibrando «la solidaridad americana y el amor a España» (Torres 1976: 330).

Não é pois de estranhar que desenhasse Darío uma genealogia latina em *Cantos de vida y esperanza* (1905),⁷ como mostrou Arellano (2010), desde a apologia da relação franco-castelhana em «Cyrano en España» e «Charitas» ou italo-castelhana em «Salutación a Leonardo», já para não falar da célebre «Salutación del optimista», onde se pode ler que «La latina estirpe verá la gran alba futura» (Darío 1917, VII: 30), conforme leu a 28 de março de 1905 em pleno Ateneo de Madrid, onde afirmaria também que estavam a América espanhola e Espanha «en espíritu unidos, en espíritu y ansias y lengua» (Darío 1917: 29).⁸ Também no poema dirigido ao rei da Suécia e da Noruega, «Al rey Óscar», afirma o heróico e «noble empeño» (Darío 1917: 33) das personagens espanholas, em conluio espiritual com Hamlet, evocando as lanças «que fueron una vasta floresta / de gloria y que pasaron Pirineos y Andes», e cantando «por Isabel que cree, por Cristóbal que sueña / y Velázquez que pinta y Cortés que domeña...», concluindo que

¡Mientras el mundo aliente, mientras la esfera gire,
mientras la onda cordial alimente un ensueño,
mientras haya una viva pasión, un noble empeño,
un buscado imposible, una imposible hazaña,
una América oculta que hallar, vivirá España!

De apologia hispanista são também os versos de «Los cisnes» – «Soy un hijo de América, soy un nieto de España» (82) –, nos quais volta a criticar o imperialismo *yanque* –

¿Seremos entregados a los bárbaros fieros?
¿Tantos millones de hombres hablaremos inglés?
¿Ya no hay nobles hidalgos ni bravos caballeros?
¿Callaremos ahora para llorar después? (83)

7 A propósito deste livro, é o próprio que destaca que «Hay (...) mucho hispanismo en este libro mío; ya haga su salutación el optimista, ya me dirija al rey Óscar de Suecia, o celebre la aparición de Cyrano en España, o me dirija al presidente Roosevelt, o celebre al cisne. O evoque anónimas figuras de pasadas centurias, o haga hablar a D. Diego de Silva y Velázquez y a D. Luis de Argote y Góngora, o a Cervantes, o a Goya, o escriba la «Letanía a nuestro señor don Quijote». ¡Hispania por siempre!» (Darío 1916: 36).

8 Alfonso Reyes (1956: 130) consideraria, por isso mesmo, que «Salutación» é «el himno de esperanza más grande que vuela sobre las palabras de la lengua», ao passo que Guillermo de Torre (1969: 50) se lhe referiu como «el más hermoso canto tributado a la estirpe hispánica».

–, denunciando em particular o seu utilitarismo, que aborda em «A Roosevelt»,⁹ ou que emerge em tom crítico em «¡Carne, celeste carne de la mujer!...»: «Inútil es el grito de la legión cobarde del interés, / inútil el progreso *yankee*, si te desdeña» (Darío 1917: 153).

Talvez se compreenda assim mais cabalmente todo o peso das palavras de Darío quando se refere a Eugénio de Castro como um dos grandes poetas latinos, conforme recorda Andrés González-Blanco (1928: 86): «Eugénio de Castro a été le premier poète novateur de la Péninsule (...) Rubén Darío le proclamerait lui même s'il vivait encore, car l'on se rappelle de quelle façon enthousiaste il parla des trois grands poètes latins: Eugénio de Castro, Gabriel d'Annunzio et Maeterlinck», elogiando nele, justamente, a recusa do utilitarismo e materialismo capitalistas, aproveitando-o para criticar a nova ordem cultural imposta pelo progressismo norte-americano, recordando que o português «Lamentó con una honda voz de artista puro la belleza poluta por la brutalidad de la moderna vida, por las bajas conquistas de interés y de la utilidad» (Darío 1896a: 238), traduzindo palavras de Castro que recusam precisamente o *americanismo* –

El americanismo reina absolutamente: destruye las catedrales para levantar almacenes: derrumba palacios para alzar chimeneas, no siendo de extrañar que transforme brevemente el monasterio de Batalha en fábrica de conservas o tejidos, y los Jerónimos en depósito de carbón de piedra o en club democrático, como ya transformó en cuartel el monumental convento de Mafra. Las multitudes triunfantes aclaman al progreso; Edison es el nuevo Mesías; las Bolsas son los nuevos templos. El humo de las fábricas ya obscurece el aire; en breve dejaremos de ver el cielo (Darío 1896a: 238)

–, para concluir aludindo à conformação de uma república internacional das letras assente numa vocação disruptiva em face do utilitarismo vigente:

Tal es la queja; es la misma de Huysman en Francia, la queja de todos los artistas, amigos del alma; y considerad si se podrá lanzar

9 Ode emblemática do posicionamento anti-ianque do nicaraguense, tem como horizonte o emblemático ano de 1898, tendo sido antecedida por uma crónica escrita em Madrid a 10 de março de 1900: «era ya tiempo que las naciones americanas de habla española (...) se uniesen más entre sí, y que este vínculo se extendiese con positivo interés, hasta la tierra española. La expansión futura del imperialismo anglosajón no es un sueño; y la probabilidad de una lucha de razas tampoco» (Darío julho-dezembro de 1998: 441).

con justicia ese Clamor de Coimbra, en este gran Buenos Aires que con los ojos fijos en los Estados Unidos, al llegar a igualar a Nueva York, podrá levantar un gigantesco Sarmiento de bronce, como la libertad de Bartholdi, la frente vuelta hacia el país de los ferrocarriles. [...] Pues existe hoy ese grupo de pensadores y de hombres de arte que en distintos climas y bajo distintos cielos van guiados por una misma estrella a la morada de su ideal; que trabajan mudos y alentados por una misma misteriosa y potente voz, en lenguas distintas, con un impulso único. ¿Simbolistas? ¿Decadentes? Oh, ya ha pasado el tiempo, felizmente, de la lucha por sutiles clasificaciones. Artistas, nada más, artistas a quienes distingue principalmente la consagración exclusiva a su religión mental, y el padecer la persecución de los Domicianos del utilitarismo; la aristocracia de su obra, que aleja a los espíritus superficiales, o esclavos de límites y reglamentos fijos (ibidem).

De facto, o próprio Eugénio de Castro (1926: 82) assumia claramente essa crítica da modernidade urbana e industrial que Rubén Darío nele reconhecia, criticando as

sirenes dos automóveis, que dirigem infernalmente as suas maldições de bruxas roucas, esses guinchos que se metem pelos ouvidos como arames incandescentes, essas ronqueiras de bêbedo com catarro, o hino augusto que entoam vitoriosamente as cidades modernas para honrar o Progresso.

Por isso mesmo, na sua crítica a *Belkiss*, também em 1898, torna Darío a acusar em Eugénio de Castro o seu carácter exemplar na distinção do artista moderna em relação a uma contemporaneidade disfórica, afim de um aristocratismo artístico de que foi, como vimos, o português precursor, com a sua apologia de uma literatura para os *raros*. No livro do português, diz Darío,

Resuenan sonos de olvidados instrumentos, sobre la banalidad epidémica de la triste y seca vida civil de esta edad abominable. ¿Que el inmenso rebaño no os comprende? Ese es principalmente vuestro galardón, ¡oh artistas modernos! en fuga de esta cárcel horrible de lo contemporáneo vulgar, de esta existencia rebajada y asesina de poesía (Darío 1 de janeiro de 1898: 103).

Seja como for, e embora reconhecendo, neste contexto latinista, a dimensão ibérica de Castro, Darío insiste igualmente em empregá-lo para ensaiar a cisão ibero-americana em relação a Espanha, inscrevendo-o desse modo no processo descolonial em curso, postulando, em particular, a pretexto da obra do português, a

superioridade e a antecipação ibero-americana na compreensão da importância do mesmo no novo quadro geocultural transatlântico, integrando-o na retórica pós-imperial própria do período, estudada por Alonso (1998). Castro surge, na verdade, aos olhos de Darío, como caso exemplar: é, de certa forma, o desejo ibero-americano daquela França que de facto acolhera o português no emblemático *Mercur de France*, através do qual chegou ao autor de *Prosas profanas*, lendo nele em particular o poema «Hermafrodita» que viria a influenciar o seu «El reino interior», como veremos; e é-o sendo a um tempo um ibérico não-castelhano, sublinhando por isso o nicaraguense a inércia e o convencionalismo espanhóis, apresentando o português como paradigma da desejada renovação poética ibero-americana que a nível peninsular só nele achava, na sua ótica, materialização. Assim, em carta que lhe envia em 1899, estando em Espanha, afirma, como vimos, que «es lástima que en España no se conozca la actual literatura portuguesa. Más sabemos nosotros en América que los españoles. Tanto mejor para nosotros» (Álvarez e Sáez Delgado 2006: 124), ideia que expressara já no texto que lhe dedicara em *Los raros*:

Señores: mientras nuestra amada y desgraciada madre patria, España, parece sufrir la hostilidad de una suerte enemiga, encerrada en la muralla de su tradición, el vecino reino fraternal manifiesta una súbita energía; el alma portuguesa llama la atención del mundo, la patria portuguesa encuentra en el extranjero lenguas que la celebran y la levantan; nosotros, latinos, hispanoamericanos, debemos mirar con orgullo las manifestaciones vitales de ese pueblo y sentir como propias las victorias que consigue en honor de nuestra raza (Darío 1896a: 231).

Esta identificação, feita novamente sob o tópico da raça latina que, como demonstrou Lily Litvak (1980), é arma corrente na guerra simbólica do modernismo hispânico contra o já aludido novo domínio simbólico anglo-saxónico, faz-se também, e simultaneamente, contra Espanha, participando desse modo das disputas retóricas que nas dinâmicas transatlânticas se travavam visando uma ascendência no processo de modernização hispânica, que observou o modo como neste período «Spanish American intellectuals moved to assert their specificity or made a claim for cultural distinctness» (Alonso 1998: 20), proclamação para a qual é Castro, com efeito, instrumentalizado.

Outro autor ibero-americano que com Eugénio de Castro manteve relação, Amado Nervo, justamente neste contexto, em 1906, garantia que

Pasa España, en el momento presente, por un periodo de transición, en el cual se diseña con claridad la influencia de literaturas menos inmobilizadas que la literatura ibérica. Esta influencia acabará por cambiar totalmente el arte español, infundiéndole nueva vida y vigor nuevo. No se quejen de ellos los críticos peninsulares, pues asisten acaso a la evolución que ha de devolver a su literatura la universalidad que ha perdido. Y ciertamente van de América las brisas que olean sus huertos. (citado por Fogelquist 1968. 85–86)

Desta reivindicação da antecipação ibero-americana na tradução de Eugénio de Castro – mediada, conforme observámos, pela prévia atenção ao centro francófono, como recordam palavras afins de Enrique Gómez Carrillo¹⁰ – é também ilustrativa a carta que lhe envia Luis Berisso (114) a 6 de dezembro de 1897, em que recorda que

Belkiss ha sido recibida con aplausos unánimes por toda la prensa nacional y extranjera. Hasta ahora sólo una voz se ha levantado para decir de su obra magistral, que es una obra mediocre, y que Vd. es un desequilibrado. Firma el artículo el Sr. Calixto Oyuela, crítico de reputación aquí y en España, estrecho de miras, español ante todo, refractario a toda nueva manifestación artística y enemigo de Rubén Darío y de los «nuevos»,

crítica a que responde o próprio Darío (1 de janeiro de 1898: 108):

El señor Oyuela es un distinguidísimo profesor español, primeramente; esta *Belkiss* es portuguesa, y el celo ibérico, por tanto, le ha indignado. El señor Oyuela no ha poseído de autores «modernos» sino una recolección o miscelánea de Mallarmé; no conoce, por lo que se ve, nada, absolutamente nada, del movimiento mental que ha hecho brotar las últimas manifestaciones del arte y del pensamiento aristocráticos.

Estas palavras, lavradas na crítica à tradução de *Belkiss* por Luis Berisso, em *Ilustración Sudamericana*, são elucidativas do conflito transatlântico aqui em causa, ajudando a compreender melhor a intencionalidade implícita às aproximações ibero-americanas a Eugénio de Castro.

10 «Más feliz que la española, la juventud literaria portuguesa ha encontrado em Fileas Lebesgue un propagandista que, sabiendo unir el ardor a la paciencia, logra desde hace años que París, el gran París, algo desdeñoso de todo lo extranjero, vea en el pequeño pueblo lusitano una tierra privilegiada» (Gómez Carrillo 1905: 223).

5. «Hermafrodita» e «El reino interior»: influência de Castro em Darío

O interesse do nicaraguense pela obra de Eugénio de Castro materializar-se-ia outrossim numa influência propriamente literária. No referido texto de *Los raros*, como vimos, haveria Darío (1896a: 229-230) de celebrar a liderança renovadora de Castro, «el primero, a la raza ibérica, en el movimiento intelectual contemporáneo, que ha dado al arte espacios nuevos, fuerzas nuevas y nuevas glorias», sublinhando o seu exotismo formal e temático:

Eugenio de Castro, bizarro y mágico Vasco da Gama de la lira, vuelve de sus incursiones a un Oriente de ensueño, de sus expediciones a los fantásticos imperios, a países del pasado, lleno de riquezas, dueño de raras piedras preciosas, conquistador y argonauta, vestido de suntuosos paramentos e impregnado de exóticos perfumes (Darío 1896a: 230-231),

destacando a sua especialização técnica, signo característico da modernidade: «la literatura es sólo para los literatos, como las matemáticas son sólo para los matemáticos y la química para los químicos. En arte sólo valen las opiniones de conciencia, y para tener una concienzuda opinión artística, es necesario ser un artista». (Darío 1896a:240)

Não surpreende, por isso, que encontremos nas palavras do nicaraguense ecos notórios da atitude polémica do português, quando, referindo-se ao Simbolismo, afirma, em prólogo a *Los raros* que «Me tocó dar a conocer en América ese movimiento y por ello y por mis versos de entonces, fui atacado y calificado con la inevitable palabra «decadente» (V), com certo narcisismo ético e denunciativo bem identificável com o trajeto de Eugénio de Castro, exemplarmente firmado no célebre prólogo a *Oaristos*. Do mesmo modo, não surpreende, portanto, que Fernando Guimarães (1990: 49) identifique uma comum propensão rubeniana e castriana rumo à quebra do isossilabismo, através do peculiar tratamento do octossílabo ou do decassílabo, conforme notara aliás já Fernández Molina (1982: 14), em introdução à *Antología de la poesía modernista*, quando afirma que «Los dodecasílabos de “Era un aire suave” están inspirados en el poeta português Eugénio de Castro».

É também na inovação técnica ao nível do tratamento rítmico do verso que se centra Max Henríquez Ureña (1954: 100-101), o qual, recordando que «Hubo otro autor europeo que alcanzó inusitado auge en el grupo modernista de Buenos Aires, de donde su nombre se

extendió a toda América: el poeta Eugenio de Castro, que en su libro *Horas* (1891) entra de lleno en el versolibrismo», afirma que «Darío analizó cumplidamente las audacias métricas de Eugénio de Castro en una conferencia que pronunció (1896) en el Ateneo de Buenos Aires e incluyó después en *Los raros*. El entusiasmo de los cenáculos literarios subió de punto», para concluir:

Con la influencia de Eugenio de Castro se inicia el metrolibrismo en los poetas de la América española, empezando por Ricardo Jaimes Freyre. En la América encontraron eco, además, la flexibilidad y la música de sus ritmos. Sin que pueda señalarse en ello un propósito deliberado de imitación (a Castro no se le imitaba, aunque se seguían sus orientaciones en punto de forma), hay versos de Darío que tienen el mismo sentido musical que hay en otros del poeta portugués.

Neste horizonte, também não espanta que Díez-Canedo (9 de março de 1922: 3), após destacar que

Desde que Rubén Darío, con un estudio de *Los raros*, destacó en la galería de modelos que propuso a la admiración o a la curiosidad de los hombres de letras la figura de Eugenio de Castro, el insigne poeta portugués goza en todos los países de habla española de un renombre que ningún otro escritor de su patria -fuera de Camoes y de Eça de Queiroz- ha logrado alcanzar,

sublinhasse sagazmente a dedicatória, por parte Darío, do poema «El reino interior», de *Prosas profanas y otros poemas*, a Castro, significativamente publicado no mesmo ano de *Los raros* (1897), na ressaca da conferência sobre Castro dada no Ateneo de Buenos Aires. Parecem ganhar, neste contexto, outra ressonância as palavras de García Morejón (1971: 398), quando afirma que «Castro llegó a influir sobre el mismo Darío a través de las *Horas*», pois repara Díez-Canedo que há versos de Darío, no mencionado poema dedicado ao português, que «tienen algo de la música y algo de la imaginería peculiar de Eugenio de Castro», referindo-se em particular às passagens que cantam

Mi alma frágil se asoma a la ventana oscura
de la torre terrible en que ha treinta años sueña...

Y las manos liliales agita, como infanta real
en los balcones del palacio paterno...

Ora bem, convém agora recordar que a posição do mencionado poema no fim de *Prosas profanas y otros poemas*, livro que assenta de

pleno o *modernismo* em língua espanhola, com a sua orientação estetista, a sua defesa do aristocracismo poético, os seus referentes exóticos e cosmopolitas, o seu ímpeto renovador, assim como a referida dedicatória ao português, podem indiciar que o mesmo foi escrito por altura da referida conferência pronunciada por Rubén Darío no Ateneo de Buenos Aires, a ele dedicada, conferência essa publicada em *Los raros*, precisamente a encerrar o volume. Daqui se depreende uma possível influência direta de Eugénio de Castro na composição do poema rubeniano. Cabe recordar que, no texto de *Los raros*, Darío menciona ter ficado deslumbrado com um poema do português que lera no *Mercurio de France*. Ora, à data, o único poema de Castro publicado nessa publicação fora «Hermafrodita», de *Salomé e outros poemas* (1894), pelo que, a haver uma tal influência, beberia possivelmente aqui.

Para prová-la, e como bem nota Fein (1967), importa recordar que o poema de Rubén Darío (1896b: 165-174), que se tem associado a uma inspiração verlainiana, e em contraste com a ausência de figuras femininas no poema do francês, apresenta uma infanta marcada por uma condição dual que alguns críticos associaram aos quadros de Boticelli ou a poemas de Richepin ou Samain, sendo que, no entanto, essa infanta, que no texto rubeniano surge como projeção da alma do poeta, essa «alma frágil» que abre o poema, está ausente do texto verlainiano, cuja ausência de figuras femininas contrasta notavelmente com o *reino* descrito e definido como «pueblo de desnudas ninfas, de rosadas reinas, de amorosas diosas». Cabe sublinhar precisamente que esse reino fantástico, com castelos e torres de pedra, em luxuriante selva e epítetos de colorismo intenso, como a terra cor-de-rosa ou o azul-celeste, é na verdade *interior*, servindo de alegoria a «Mi alma frágil», relevando uma dualidade interior conflituante figurada por sete brancas donzelas «con graciosos gestos en esas líneas puras» e sete diabólicos mancebos. Trata-se, pois, como sintetizou Valle-Castillo (2016: XCV) de um

Reino interior que configura a la humanidad, al hombre, en el que se abraza el bien y el mal, lo infernal y celestial, el fuego rojo y los velos blancos, las virtudes y los vicios, de tal manera que este poema representa o imagina la interioridad humana, alma y cuerpo, espíritu y materia, reino interior.

Ora uma ninfa, precisamente, estará na base do poema de Eugénio de Castro. Além disso, importa sublinhar que o poema de Rubén Darío apresenta um traço singular que não se depreende de

quaisquer das fontes citadas – um conflito final e irresoluto, em alegoria à mencionada dualidade interior conflituante:

Y en sueños dice: ¡Oh dulces delicias de los cielos!
 ¡Oh tierra sonresada que acarició mis ojos!
 - ¡Princesas, envolvedme con vuestros blancos velos!
 - ¡Príncipes, estrechadme con vuestros brazos rojos!

Pois bem: essa dualidade ou simultaneidade paradoxal na alma do poeta, de que, sublinhamos, a infanta é projeção –

Oh, Que hay en ti, alma mía?
 Oh, que hay en ti, mi pobre infanta misteriosa?

–, responde exatamente ao tema de «Hermafrodita». Seguindo, com mutações, a versão de Ovídio, o poema de Eugénio de Castro (1929, III: 74-77) representa a mesma dualidade através da mesma disjunção entre masculino e feminino, associando uma dimensão apetitiva e tanática – que bem combina com a imagem dos «brazos rojos» do poema de Darío – ao masculino, ao passo que o feminino se associa à docilidade, em conformidade com os «blancos velos» das princesas darianas:

De Hermes e de Afrodite o filho esbelto e amado,
 De Salamcis oscula o corpo melodioso,
 E a ninfa treme e enleio o moço deslumbrado,
 Com um prazer que chega a ser doloroso.
 Ela dócil, a arfar, como ao vento as searas...
 Ele forte a arquejar, como com cio um touro.

Reparemos como, no poema do português, encontráramos já a mesma dúplice ideia de envolvimento associada ao feminino – que nos versos de Darío se materializara em «¡Princesas, envolvedme con vuestros blancos velos!», ao passo que em Castro se concretiza através de «O cabelo da ninfa inunda as duas caras» – e de violência masculina, que o nicaraguense apresenta através daquele «Príncipes, estrechadme con vuestros brazos rojos» e que no português surge em «Ele forte, a arquejar, como, com cio, um touro...». Mais adiante, também a justaposição tonal é caucionada, já que, em contraste com as coxas «rijas, de atleta» do masculino, Castro menciona as coxas «brancas, de luar» da ninfa.

Ora o desenvolvimento do poema castriano leva a que

Num doido frenesi, entrar parecem qu'rer
 Ela no corpo dele, ele no corpo dela!
 Choram, gemem, dão ais ... e no auge do prazer,
 Começam a gritar para o céu que se estrela:
 - Ó Deuses! atendei esta súplica ardente
 Se é verdade que ouvís as vozes que vos chamam,
 Os nossos corações, fundi-os os num somente,
 Fundi num corpo só nossos corpos que se amam!,

prece essa a que Zeus obedece, fundindo-os numa identidade única, Hermafrodita, que, em vez de aquietar, agudiza esse contraste, representando a mesma dualidade do reino interior rubeniano, com similar desfecho fatal:

A boca feminil abre-se doida, ansiosa
 Por belos deuses nus, mas sem os encontrar;
 E os braços, procurando uma cintura airosa
 Abrem-se, mas em vão! dão abraços no ar!
 Pede o seio lírial beijos de gladiador,
 Pede a fronte viril, de mil virgens os beijos;
 E assim, no mesmo corpo, em ímpetos de amor,
 Debatem-se, febris, dois desiguais desejos.
 São dois leões rivais presos na mesma cova!
 Rugem, brandem punhais, corre o sangue escarlate!
 E o corpo (árvore e flor!), que o infortúnio corcova,
 Estremece, ao estremecer desse rubro combate!

Mais premente se revela esta semelhança se observarmos a conclusão do poema do português, que aponta explicitamente, como fará «El reino interior», para essa interioridade, para uma dualidade que habita a alma do poeta:

Sem poder sofrer mais desespero tamanho,
 Hermafrodita um dia enfim, crispando as mãos,
 Enforcou-se e morreu, mas do seu corpo estranho
 Saíram, sempre hostis, os dois feros irmãos.
 Chovia ... E procurando uma guarida calma,
 Que os livrasse da chuva, uma torre ou uma gruta,
 Viram minh'alma aberta, entraram na minh'alma,
 E na minh'alma estão continuando a luta!

Faz-se, pois, bastante razoável a afirmação de Fein (1967: 364), segundo a qual «Sin duda Darío recordaba inconscientemente el poema de Castro cuando escribía la conclusión de “El reino interior”», confirmando a predileção rubeniana pela mitologia grega,

cuyos personajes híbridos, más allá de poblar su imaginería verbal, entran en sus poemas como criaturas apasionadas, contradictoras y feroces, que provienen de la concupiscencia de los dioses siempre ansiosos de ayuntarse con mortales, y cuyo inventario mayor lo encuentra en *Las metamorfosis* de Ovidio,

hipótese que ganha ainda mais relevo se recordarmos que, em «Hermafrodita», surge a expressão «manos liliais», abundante nos versos do português, e que Darío repete em «El reino interior», ou que, mais tarde, em «Otro decir» (1901), este associa explicitamente duas figuras castrianas, Belkiss e, precisamente, Hermafrodita, à força destrutiva da pulsão erótica:

Un camarín te decoro
 donde sabrás la lección
 que dio a Angélica Medoro
 y a Belkiss dio Salomón;
 arderá mi sangre loca,
 y en el vaso de tu boca
 te sorberé el corazón.
 Luz de sueño, flor de mito,
 tu admirable cuerpo canta
 la gracia de Hermafrodito
 con lo aéreo de Atalanta (1915: 144)

De tudo isto se conclui do fundo interesse que Darío nutriu por Eugénio de Castro, motivado, como vimos, por uma comum situação periférica face à modernidade europeia, que ditava a comum referencialidade de França, por um lado, e pelo potencial descolonial que nele descobriu na relação com a literatura espanhola, por outro, identificando ainda no português um latinismo de fundo que opunha ao perigo do imperialismo materialista norte-americano e que se articulava com a crítica do utilitarismo capitalista que Darío também divisou na obra de Castro. Eis como o português entra no universo das letras hispânicas, onde viria a granjear uma celebridade inaudita, para o que a mediação de uma figura tão central como a de Rubén Darío se revelou decisiva.

Bibliografia

- Alonso, Carlos (1998): *The Burden of Modernity: The Rhetoric of Cultural Discourse in Spanish America*, Oxford, Oxford University Press.
- Álvarez, Eloísa (2010): “Eugénio de Castro y España”, in A. Sáez Delgado e L M. Gaspar (ed.), *Suroeste. Relações Literárias e Artísticas entre Portugal e Espanha (1890-1936)*, Badajoz, SECC/MEIAC, pp. 107-122.
- Álvarez, Eloísa, e Alonso Estraviz, Isaac (2008): *Eugénio de Castro e a Galiza. Epistolário (1891-1926)*, Sada, Ediciós do Castro.
- Álvarez, Eloísa, e Sáez Delgado, Antonio (ed.) (2006): *Eugénio de Castro y la cultura hispánica. Epistolario 1877-1943*, Mérida, Editora Regional de Extremadura.
- Anón. (24 de abril de 1923): “Conferencia de Eugenio de Castro”, *ABC*, p. 16.
- Arellano, Jorge Eduardo (2010): “Darío: lírico perdurable de nuestra lengua”, *Repertorio dariano. Anuario sobre Rubén Darío y el modernismo hispánico*, Managua, Academia Nicaragüense de la Lengua, pp. 159-198.
- Argüello, Santiago (1935): *Modernismo y modernistas*, Guatemala, Tipografía Nacional.
- Barrios Mora, José (1955): *Compendio histórico de la literatura venezolana*, Caracas, Ediciones Nueva Cádiz.
- Berisso, Luis (1897): “Eugénio de Castro”. In E. de Castro, *Belkiss, Reina de Saba, de Axum y de Hymiar*, Buenos Aires, Jorge A. Kern Editor, pp. xxiii-xxxviii.
- Browitt, Jeff. (2004): “Modernismo, Rubén Darío, and the Construction of the Autonomous Literary Field in Latin America”, in J. Browitt e B. Nelson (ed.), *Pierre Bourdieu and the Field of Cultural Production*, Newark, University of Delaware Press, pp. 113–29.
- Bushnell, David, e Macaulay, Neill (1994): *The Emergence of Latin America in the Nineteenth Century*, Oxford, Oxford University Press.
- Carvalho, José Adriano de Freitas (2007): “A Mantilha de Medronhos. Impressões e recordações de Espanha de Eugénio de Castro: caminhos e processos de uma imagem de Espanha à volta de 1920”, *Península*, 4, pp. 177-194.
- Casanova, Pascale (2004): *The World Republic of Letters*, Cambridge, Harvard University Press.
- Castro, Eugénio de (1926): *Cartas de torna-viagem. Volume I*, Lisboa, Porto, Coimbra, Rio de Janeiro, Lumen.

- Castro, Eugénio de (1927-1944): *Obras Poéticas*, Lisboa, Porto, Coimbra, Rio de Janeiro, Lumen-Empresa Internacional Editora/Portugalense.
- Castro, Eugénio de (julho de 1935): "Discours de MMM. Albert Mockel et Eugénio de Castro. Réception de M. Eugénio de Castro", *Académie Royale de Langue et de Littérature françaises de Belgique, Bruxelles, Palais de Académies*, XIV (3) (separata), Liège, H. Vaillant-Carmanne, Imprimeur de l'Académie.
- Castro, Eugénio de (1944): *Dona Briolanja and Other Poems*, Org. e trad. Leonard S. Downes, Lisboa, edição de autor.
- _____ (1969): "Autobiografia", in C. Malpique, *Eugénio de Castro – poeta pagão*, Separata do Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos, 16, pp. 10-13.
- Darío, Rubén (1896a): *Los raros*, Buenos Aires, Vasconia.
- Darío, Rubén (1896b): *Prosas profanas y otros poemas*, Buenos Aires, Imprenta de Pablo E. Coni e Hijos.
- Darío, Rubén (8 de março de 1896): "Marqués de Carvalho, entre nimpheas", *Buenos Aires*, pp. 8-9.
- Darío, Rubén (12 de junho de 1897): "María Guerrero", *La Nación*, p. 5.
- Darío, Rubén (1 de janeiro de 1898): "Belkiss, por Eugenio de Castro", *La Ilustración Sudamericana*, pp. 103-104.
- Darío, Rubén (1916): *Antología, poesías: precedida de la Historia de mis libros*, Abada, Pueyo.
- Darío, Rubén (1917-1919): *Obras completas*, org. Alberto Ghirardo. Madrid, Mundo Latino.
- Darío, Rubén (1950-1955): *Obras completas*, ed. J. Ortega e N. Vélez, Madrid, Afrodísio Aguado.
- Darío, Rubén (julho-dezembro de 1998): *El triunfo de Caliban (1898)*, ed. C. Jáuregui, *Revista Iberoamericana*, LXIV (185-186), pp. 451-455.
- Darío, Rubén (2006): *Cartas desconocidas de Rubén Darío, 1882-1916*, ed. J. Jirón Tirán, Managua, Fundación Uno.
- Díez-Canedo, Enrique (9 de março de 1922): "Eugenio de Castro en la bibliografía española", *El Sol*, p. 3.
- Díez-Canedo, Enrique (1944): *Letras de América. Estudios sobre las literaturas continentales*, México, El Colegio de México.
- Fein, John M. (1958): "Eugénio de Castro and the introduction of «Modernismo» to Spain", *PMLA*, 73 (5), pp. 556-561.

- Fein, John M. (1967): "Una fuente portuguesa de «El reino interior»", *Revista Iberoamericana*, XXXIII (64), pp. 359-365.
- Fernández Molina, Antonio (ed.) (1982): *Antología de la poesía modernista*, Madrid, Júcar.
- Fogelquist, Donald F. (1968): *Espanoles de América y americanos de España*, Madrid, Editorial Gredos.
- García Morejón, Julio (1971): *Unamuno y Portugal*, Madrid, Gredos.
- Ghiraldo, Alberto (1943): *El archivo de Rubén Darío*, Buenos Aires, Losada.
- Gómez Carrillo, Enrique (1905): *El modernismo*, Madrid, Fernando Fe.
- González-Blanco, Andrés (julho-setembro de 1922): "Eugénio de Castro", *Hispania*, pp. 198-237.
- González Blanco, Andrés (1928): "Eugénio de Castro", In E. de Castro, *Obras Poéticas. Vol. III*, Lisboa, Porto, Coimbra, Rio de Janeiro, Lumen, pp. 7-90.
- Guimarães, Fernando (1990): *Poética do Simbolismo em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Henríquez Ureña, Max (1954): *Breve historia del modernismo*, México, DF, Fondo de Cultura Económica.
- Jrade, Cathy L. (1998): *Modernismo, Modernity, and the Development of Spanish American Literature*, Austin, University of Texas Press.
- List, Jared (2017): "Geopolítica, (De)colonialidad e Identidad: La conciencia dividida de Rubén Darío", *Revista de Análisis Cultural*, 9, pp. 47-64.
- Litvak, Lily (1980): *Latinos y anglosajones. Orígenes de una polémica*, Barcelona, Puvill.
- Lourenço, António Apolinário (2005): "Simbolismo português – Modernismo espanhol", in *Estudos de Literatura Comparada Luso-Espanhola*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa, pp. 93-104.
- Mejías-López, Alejandro (2009): *The inverted conquest: the myth of modernity and the transatlantic onset of modernism*, Nashville, Tennessee, Vanderbilt University Press.
- Siskind, Mariano (2014): *Cosmopolitan Desires: Global Modernity and World Literature in Latin America*, Evanston, IL, Northwestern University Press.
- Mochila, Miguel Filipe (2014): "Os olhos da Nicarágua. Ler Eugénio de Castro como Ruben Darío o leu", in M. López, A. Fernandes, I. A. Branco, M. Borges, R. Baltazar, S. Miceli (ed.), *ACT 29 –*

- Literaturas e Culturas em Portugal e na América Hispânica: novas perspetivas em diálogo*, V. N. Famalicão, Húmus, pp. 241-252.
- Mochila, Miguel Filipe (2016): “A prática turística e o entendimento institucional da literatura: o caso de Eugénio de Castro no horizonte das suas relações internacionais”, in S. Quinteiro, R. Baleiro e I D. Santos (ed.), *Turistas, Viajantes e Lugares Literários*, Faro, Universidade do Algarve, pp. 133-150.
- Mochila, Miguel Filipe (2019a): “*The express of originality* – Eugénio de Castro in the context of Hispanic modernity”, *International Journal of Iberian Studies*, 32 (1-2), pp. 59-76.
- Mochila, Miguel Filipe (2019b): “Eugénio de Castro y Miguel de Unamuno”, in C. Strosetzki (ed.), *Perspectivas actuales del hispanismo mundial. Literatura – Cultura – Lengua. Volumen II: Ss. XVIII y XIX y Literatura contemporánea*, Münster, VWU Münster, pp. 347-370.
- Nervo, Amado (1928): “Del florecimiento de la poesía lírica en Italia, Portugal y España”, in *La lengua y la literatura I*, Madrid, Biblioteca Nueva, pp. 11-20.
- Reyes, Alfonso (1956): *Obras completas*, México, Fondo de Cultura Económica.
- Sáez Delgado, Antonio (2007): “La edad de oro, la época de plata y el esplendor del bronce. El continuum de la modernidad y la vanguardia”, in G. Magalhães (ed.), *Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*, Covilhã e Salamanca, UBI, CELYA, pp. 125-170.
- Salgado, María A. (1997): “«Mi esposa es de mi tierra; mi querida, de París»”: El hispanismo ingénito de Rubén Darío”, *Anthropos*, 170–171, pp. 51–58.
- Torre, Guillermo de (1969): *Vigencia de Rubén Darío y otras páginas*, Madrid, Ediciones Guadarrama.
- Torrecilla, Jesús (2006): *La actualidad de la generación del 98 (algunas reflexiones sobre el concepto de moderno)*, Mérida, Editora Regional de Extremadura.
- Torres, Edelberto (1976): *La dramática vida de Rubén Darío*, Barcelona, Grijalbo.
- Valle-Castillo, Julio (2016): “Prosas profanas y otros poemas. Heterogeneidad, intertexto y otros recursos”, in R. Darío, *Del símbolo a la realidad: obra selecta*, Madrid, RAE.